

ESPIRITISMO E UMBANDA

O Espiritismo e a Umbanda são doutrinas espiritualistas, como também o judaísmo, o catolicismo, o protestantismo, a teosofia, o rosa-cruz, o esoterismo, etc., o que não impede de haver entre elas diferenças essenciais, que lhes dão características próprias.

A existência de Deus e a imortalidade do Espírito são verdades aceitas por todas, já a reencarnação não o é pelo catolicismo e pelo protestantismo.

O Espiritismo e a Umbanda, adotando como prática comum a comunicação ou manifestação dos Espíritos, já diferem do rosa-cruz, da teosofia, do esoterismo, que não prescrevem essas práticas.

Como veremos, não se pode, por outro lado, confundir Espiritismo e Umbanda, embora ambos aceitem a comunicação dos Espíritos e a reencarnação como pontos ou princípios básicos.

Em livro de grande valor (“O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas”), Deolindo Amorim estudou muito bem esses aspectos doutrinários, que devemos conhecer. Sua conclusão final é peremptória:

**“O ESPIRITISMO É UMA DOCTRINA QUE SE BASTA A SI MESMA,
SEM EMPRÉSTIMOS NEM ACRÉSCIMOS ARTIFICIAIS”.**

Infelizmente essa distinção não é feita, nem mesmo nos meios espíritas, quando não se dão ao trabalho de estudar a Doutrina, sem falar na imprensa leiga que, de propósito ou não, anuncia tudo o que ocorre nas tendas e terreiros como sendo Espiritismo.

Nunca é demais, portanto, esclarecer o assunto, até em pormenores, para que o adepto do Espiritismo seja coerente com os princípios da Doutrina, sem que isso signifique incompreensão ou hostilidade de nossa parte, em relação aos irmãos umbandistas, cujas crenças, nem por isso, deixamos de respeitar. Nossa atitude tem de ser de tolerância sem conivência ou omissão.

O Espiritismo difere da Umbanda quanto à origem, ao conteúdo doutrinário e à prática ritual.

Quanto à origem, sabemos que Espiritismo (termo criado por Allan Kardec) designa uma Doutrina, recebida de vários Espíritos Superiores e codificada pelo mestre lionês, na França, no século XIX. Essa Doutrina se caracteriza por ser um conjunto de princípios, de ordem científica, filosófica e moral, que objetiva o progresso espiritual do homem, com a implantação da fraternidade entre todas as criaturas da Terra.

O termo Umbanda, corruptela de Mbanda, palavra *bantu*, que significa sacerdote, segundo Edson Carneiro, tem várias acepções e significações. É um sincretismo religioso, de crenças heterogêneas, incluindo folclore, superstição, credices, etc.

“A Umbanda é prática religiosa dos negros africanos bantos que, juntamente com os sudaneses, foram trazidos ao Brasil como escravos. Existindo entre os negros bantos, segundo Nina Rodrigues e Artur Ramos, o culto dos antepassados, ou a crença na existência da alma dos mortos, os negros brasileiros fundiram esse culto com as práticas do Catolicismo e do mediunismo, assimilando-o ao seu ritual supersticioso, daí nascendo

então o culto banto-ameríndio da Umbanda”, conforme define João Teixeira de Paula, in “Estudos de Espiritismo”. (Os grifos são nossos).

Os *bantos* habitavam o sul da África (Angola, Congo, Moçambique) e foram trazidos para o Maranhão, Pernambuco, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Outros negros escravizados vieram da África Ocidental (nagôs ou iorubanos) e foram encaminhados para a Bahia: eram mais adiantados que seus outros irmãos do continente africano.

A religião fetichista desses africanos, combinada com as crenças dos índios e influenciada pelos rituais e santos católicos ⁽¹⁾, resultou, assim, na *umbanda*, considerada, com razão, um *sincretismo* (mistura) religioso, que difere pela *origem*, do Espiritismo.

(1) É sabido que o Islamismo também influenciou as crenças dos africanos. O *turbante*, de uso na Índia, introduzido na África, é um exemplo.

Com referência ao *conteúdo doutrinário*, sabemos que o Espiritismo assenta em postulados científicos, filosóficos e éticos, o que não se dá na Umbanda, que não tem doutrina codificada, embora seus adeptos aceitem a imortalidade da alma, a reencarnação e a lei de ação e reação (carma), como fazem os espíritas. O sentido nitidamente material do culto fetichista, a que se entregam, distancia muito os umbandistas dos espíritas, cuja doutrina tende exatamente a libertar o homem das coisas materiais, das formalidades do mundo exterior, das crendices e superstições.

Todavia, quando o umbandista começa a estudar os livros da Codificação Espírita, vai-se libertando de muitas das práticas de sua crença, porque aumenta seu discernimento das coisas espirituais e ele ultrapassa a fase evolutiva em que se encontra, por força do determinismo progressivo que orienta todas as almas para cima e para o Alto.

Umbanda, portanto, não é Espiritismo, nem mesmo *baixo* Espiritismo, como se ouve dizer, por desconhecimento, porque Espiritismo é um só. É ou não é.

Quanto à prática ritual, a Umbanda difere essencialmente do Espiritismo, porque aquela atua no plano da Natureza e este no do pensamento, pois que só o Espírito conta, realmente. Aliás, o Espiritismo não tem ritual de nenhuma espécie, pois não admite corpo sacerdotal hierarquizado ou não; cerimônias (batizados, casamentos e quaisquer outras); não se utiliza de fórmulas, invocações, ou promessas de qualquer natureza; repele a adoração de imagens, símbolos, amuletos; rejeita crendices e superstições e não admite pagamento pela prestação de assistência espiritual ou de qualquer auxílio, que conceda aos necessitados. (Veja-se o artigo “Esclarecendo Dúvidas”).

Em resumo, na Quimbanda há pura magia negra, sem resquício de doutrina; na Umbanda, há prática ritualista sem doutrina específica, resultado da mistura ou fusão (sincretismo) de princípios de várias religiões ou crenças, seja a dos africanos, dos índios ou do catolicismo; no Espiritismo há doutrina codificada, que se distribui, harmonicamente, em filosofia, ciência e religião.

Esta obra procura reunir ensinamentos esparsos, úteis ao espírita que, desejando estudar e conhecer, não dispõe de dinheiro e tempo para adquirir muitos livros e lê-los todos. Por isso, vamos dar aqui, resumidamente, os elementos necessários à melhor

compreensão do que seja a Umbanda, o que permitirá um julgamento mais autorizado das diferenças entre ela e o Espiritismo.

A Umbanda agrupa as entidades espirituais, com que trabalha, em *7 linhas de espíritos, ou legiões*, divididas em *falanges*, com seus respectivos chefes:

PRIMEIRA – dos ORIXÁS (santos), cujo chefe é JESUS, que chamam de OXALÁ. Entre os iorubás havia a crença em OLORUM, divindade suprema, DEUS, que devia ter sua corte, como os reis da Terra, daí nascerem os ORIXÁS, que viviam na Terra, ao lado dos homens, e constituíam a corte daquela divindade.

SEGUNDA – do MAR, chefiada por IEMANJÁ, que confundem com Nossa Senhora da Conceição, à qual se subordinam as legiões de SEREIAS (de OXUM, ou Santa Ana), de ONDINAS (de Nana, mãe dos espíritos de Umbanda) de CABOCLAS DO MAR (chefiadas por INDAIÁ) e das CABOCLAS DO RIO (chefiadas por IARA).

TERCEIRA – do ORIENTE (ou da magia) chefiada por João Batista (XANGÔ AGODÔ), que preside à astrologia, com a legião de KABALA, cujo mestre é José de Arimatéia.

QUARTA – de OXOSSI, ou São Sebastião, chefe das matas, dos caçadores, Senhor das Florestas, com as legiões de caboclos: 7 Encruzilhadas, Rompe Mato, Jurema.

QUINTA – de XANGÔ, ou São Jerônimo, santo advogado, que faz justiça, deus do raio e do trovão, com a legião de INHAÇÃ (Santa Bárbara).

SEXTA – de OGUM (São Jorge, o santo guerreiro, que resolve as demandas).

SÉTIMA – AFRICANA, chefiada por São Cipriano, com suas legiões de pretos velhos: Pai Jerônimo, de Angola, Cabinda, Pai João, Pai José, etc.

Na Quimbanda, mais atrasada, que se dedica à magia negra, há outras linhas, como a das *almas*, chefiadas por OMOLU (S. Lázaro) a das *caveiras*, de *nagô*, dos *quimbandeiros*. É o Candomblé, a festa dos terreiros.

No Brasil, os negros africanos eram jogados na lavoura e os chefes religiosos misturavam-se com os mais humildes servidores, todos sofrendo na carne as torturas do tronco ou a chibata do feitor. Forçados a assistir aos atos religiosos católicos, foram induzidos por ignorância a trocar os símbolos de sua fé, por outros, mais sugestivos e artísticos. Em pouco, não havia solução de continuidade nas crenças, e passaram a vêr nos santos católicos seus próprios *orixás*.

Coisa semelhante se deu com as crenças religiosas dos índios, com seus pajés e feiticeiros, cuja influência se fazia sentir, também, na liturgia africana. Daí o duplo sincretismo.

Os negros adotaram santos católicos que condiziam com suas crenças naturais, e assim JESUS era OXALÁ, o maior dos ORIXÁS; IEMANJÁ era Nossa Senhora, etc. Da mesma forma o demônio era EXU.

Hoje os umbandistas, justificam o uso da cachaça com o do vinho dos católicos; de defumadores com o incenso das missas; da comida dos ORIXÁS, chamada *amalá*, com a hóstia; dos *tocos* com as velas; dos *despachos* com as promessas; dos pontos cantados com os hinos e cantorias da Igreja; dos *pontos riscados* com os símbolos cristãos; das *nunangas*

(vestes especiais) com os paramentos da liturgia católica; das *mirongas* (segredos) com os mistérios e dogmas; o dinheiro dos despachos com as taxas cobradas pela igreja.

O *mediunismo*, ou seja, a prática da mediunidade sem disciplina, desviada quase sempre de suas verdadeiras finalidades, caracteriza as atividades da Umbanda, cujos médiuns são chamados *cavalos* e se utilizam do *marafó* (cachaça), da *marambia* (cerveja), do fumo de rolo.

Os pontos riscados são feitos com a *pemba* (giz) e cada um se refere a determinada entidade (branco, pretos-velhos; amarelo, Oxossi; azul, Iemanjá, etc.). Os desenhos são feitos dentro de círculos; a cruz, um coração, e a âncora representam a linha de OXALÁ (JESUS); caboclos (índios) são representados por flechas; OGUM por espadas; EXU por punhais ou caveiras.

No simbolismo da Umbanda, flechas de ponta para cima indicam submissão a forças superiores, para baixo significam domínio e as horizontais, neutralidade; a cruz indica luz espiritual; a linha reta, a justiça; a linha curva, a sabedoria de DEUS; o triângulo, a libertação; a meia-lua é o oriente.

Babalaô ou Babalorixá é *pai de santo*, chefe na hierarquia terrena e conta com auxiliares, os *ogans* e *cambonos*, filhos, e as *sambas*, filhas. Médiun, quando recebe EXU, chama-se *burro*; o altar, que se enfeita de imagens, colares, como os da Igreja, é o *congá* ou *peji*. O tambor é o *atabaque* e há *amuletos*, objetos que afastam quebrantos, e *patuás*, orações costuradas em pano preto e penduradas no pescoço.

Na Umbanda visa-se à identificação da entidade comunicante, não importando muito seu conteúdo. A disciplina importa pouco. Daí, sem dúvida, o desenvolvimento mais demorado do médiun espírita, que não visa a movimentos desordenados, mas à sintonia espiritual com as entidades de luz, cujas lições deseja receber, conhecer e estudar. As entidades comunicantes agem à vontade nos terreiros e tendas, como se a disciplina não fosse a grande força reguladora da vida. O médiun espírita é controlado, buscando aprimorar seus conhecimentos, a fim de que possa obter mensagens construtivas, de elevado conteúdo moral.

Entretanto, a Umbanda satisfaz a uma faixa de irmãos ainda não preparada para vãos mais altos nas amplidões da Espiritualidade, porque, como se diz, há tempo para tudo: para plantar e para colher. Há quem assinala que a Umbanda é necessária, talvez como ponte para aquele que, saindo da claridade de sua igreja, com todo o cortejo de seus santos e seus rituais, não poderia desde logo penetrar os templos espíritas, onde apenas se cultua o espírito, como a única e verdadeira realidade. Passando pela Umbanda, onde se mistura muito das coisas materiais com alguma coisa das espirituais, eles se sentirão melhor e um dia, por evolução natural, serão adeptos esclarecidos da Terceira Revelação.

Todavia, não é possível misturar: ou somos espíritas ou somos umbandistas, cujas crenças devemos respeitar, por espírito de tolerância, nunca, porém, de convivência.

Falando de nossos irmãos africanos, cuja liberdade obtiveram pela Lei Áurea de 13 de maio de 1888, o Espírito Jose Inácio Silveira da Mota, que foi senador do 2º. Império e ardoroso abolicionista, assim se expressou:

“(...) a liberdade, não lhes atingiu de todo a vida espiritual, porque, ainda hoje, abertas as portas do intercâmbio entre os dois mundos, ei-los, de novo, atraídos e engodados nas múltiplas linhas do fenômeno psíquico, para continuarem na posição de elemento servil. Abusa-se-lhes da ingenuidade, pede-se-lhes o concurso na magia deprimente, zurze-se-lhes o coração com exigências desprezíveis e suga-se-lhes o seio... Espíritas do Brasil, pregoeiros da fé renovadora, quando em contacto com os desencarnados, que ainda se ligam ao mundo africano, por força de estágio evolutivo, olvidai a paixão escravagista, deles aprendendo a abnegação e a humildade e ajudando-os, em troca, a subir para mais altas formas de educação. Manter o cativo do corpo ou da alma é falta grave, pela qual responderemos, um dia, nos tribunais celestes”. (Em “Vozes do Grande Além”).

Incumbe-nos, portanto, em nos conservando fiéis aos ensinamentos maiores, transmitidos da Espiritualidade, contidos na Doutrina Espírita, aproveitar todas as oportunidades, que tivermos, para esclarecer os irmãos ainda afeiçoados a práticas e vivências não referendadas pelo Evangelho de Jesus, sejam eles encarnados ou desencarnados.

A propósito, são oportunas estas palavras de um grande conhecedor da Doutrina Espírita:

“Já tivemos ocasião de afirmar várias vezes, que não há outro Espiritismo senão o codificado por Allan Kardec, o que está contido em “O Livro dos Espíritos” e nas demais obras da Codificação; não há baixo nem alto Espiritismo, não há Espiritismo kardecista (ou de mesa) e Espiritismo de terreiro, e sim Espiritismo, unicamente Espiritismo.

O uso de tais expressões dará idéia de que há mais de uma doutrina espírita, o que seria absurdo, pois Espiritismo é um só, e esta palavra deve ser defendida das deturpações inconscientes ou intencionais. A palavra ESPIRITISMO criou-a Kardec sob a assistência do Espírito da Verdade.

Quando dizemos ESPIRITISMO, dizemos – ensino dos Espíritos Superiores. Não há outro Espiritismo, e a doutrina designada por esta palavra está inteira na codificação kardequiana. E podemos concluir, como Deolindo Amorim: – “O Espiritismo é uma doutrina que se basta a si mesma, sem empréstimos nem acréscimos artificiais”.

Empunhemos, pois, esta palavra como um archote, em meio às trevas da ignorância e do erro. E não permitamos que a deturpem, porque ela é luz em nosso caminho”. – General Milton O’Reilly de Souza.

Pedro Franco Barbosa, em o livro “Espiritismo Básico”.

FIM.

Colaboração W.P – 03/07